

Revista de Ensino de Geografia

Desde 2010 - ISSN 2179-4510

www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ARTIGO

DE POUSO À REGIÃO METROPOLITANA: POTENCIALIDADES DA PRÁTICA DOCENTE INTERDISCIPLINAR NO ESTUDO DA CIDADE

Viviane Lousada Cracel¹

Glaucia Regina Damiani Passos Camargo²

Lúcia Helena Caldas³

RESUMO

A reflexão e a compreensão da cidade são condições fundamentais para a construção da cidadania e a construção de conhecimentos significativos com os alunos exige da prática pedagógica a superação do trabalho com saberes fragmentados e descontextualizados, promovendo a autonomia dos alunos como sujeitos de conhecimentos. Esses são pressupostos de um projeto interdisciplinar envolvendo as disciplinas de Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática no estudo da cidade e desenvolvido por docentes e alunos do 7º ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Campinas-SP. A metodologia do projeto de ensino baseou-se em etapas de problematização, sistematização e síntese, com atividades e estratégias didáticas diversificadas, envolvendo pesquisa e organização de um livro com as produções dos alunos. A partir dessas produções e dos relatos dos alunos, os resultados apontam a importância da pesquisa na prática com os alunos para que estes se formem como sujeitos da apropriação e da produção de conhecimentos atuando com base em uma proposta investigativa da realidade.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Projeto de ensino. Prática pedagógica.

¹ Doutora em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Professora de Geografia da Rede Municipal de Ensino de Campinas/SP. E-mail: viviane.cracel@educa.campinas.sp.gov.br

² Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada; Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino de Campinas/SP. E-mail: glaucia.camargo@educa.campinas.sp.gov.br

³ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); Professora de Ciências da Rede Municipal de Ensino de Campinas/SP. E-mail: lucia.caldas@educa.campinas.sp.gov.br

1 INTRODUÇÃO

Dentre os vários desafios da prática docente na educação básica está a aproximação do conteúdo teórico com a realidade na qual os alunos estão inseridos, ou seja, fazer com que estes percebam e estabeleçam relações entre o conteúdo abordado e suas experiências e vivências cotidianas. Para Cavalcanti (1998), a escola deve ser o *lócus* dessa articulação, possibilitando assim, que o aluno amplie e transforme suas práticas socioespaciais, construindo-as cada vez mais de forma crítica e reflexiva.

Conhecer o lugar onde se vive é essencial para que possamos pensá-lo e transformá-lo e, ao estudá-lo, podemos trazer à tona as experiências vividas pelos alunos, a observação e também a análise de conceitos sistematizados por diferentes áreas do conhecimento. Isso é importante, pois nossas práticas diárias são repletas de espacialidades e de conhecimento sobre elas. Além disso, criamos vínculos afetivos e relações de pertencimento que fazem “com que nos sintamos parte do espaço no qual estamos inseridos, pois a construção deste é a nossa própria história, nossos hábitos, nossos usos, ou seja, nossa cultura”. (CALLAI, 2000, p.84).

Compartilhamos com Doreen Massey (2009) sua preocupação sobre a maneira com que imaginamos e concebemos o espaço geográfico, que precisa ser compreendido como "um produto de relações, e para que assim o seja, tem de haver multiplicidade" (p. 32). Ele é, portanto, produzido a partir de um conjunto de trajetórias espaço-temporais que se cruzam, algo em constante construção. É formado pelo encontro de muitas atividades econômicas, objetos, usos contrastantes e adicionais que se entrelaçam e o constituem, o constroem. E são nessas interligações de resultados imprevisíveis que, segundo Massey (2009), o espaço possibilita a criação de identidades.

Será que os alunos se sentem produtores desse espaço ainda em construção? Será que conhecem suas diferentes histórias e atores? Entendem e reconhecem algumas das transformações pelas quais a cidade passou? Quando se deslocam, percebem problemas de diferentes natureza? Debatem sobre isso? Diante desses e de outros questionamentos resolvemos trazer à tona essa potente discussão para a sala de aula.

Para Pessoa (2004, p. 15), "o fenômeno urbano para ser compreendido necessita de uma abordagem interdisciplinar que permita entrever vários processos e tempos complementares ou contraditórios que recortam o espaço da cidade". Assim, a proposta foi entender esse processo por meio de recortes temporais relacionados aos conteúdos programáticos de Geografia para o sétimo ano, como: a formação do povoado, o período da

cana-de-açúcar, a cafeicultura, imigrações e migrações, a febre amarela, industrialização, urbanização e a formação da região metropolitana de Campinas. Para tanto, utilizamos as discussões, leituras e contribuições de Ciências, de Geografia, de Língua Portuguesa e de Matemática. É importante dizer que esse olhar não é o único possível, mas ao ser fruto de nossas escolhas, é uma interpretação dentre outras prováveis.

Então, por que não compreender Campinas nesse processo também? Por que não possibilitar, então, trajetórias de construção da nossa condição cidadã, pautada no sentimento de pertencimento e ação na vida cotidiana? Em outras palavras, tomá-la como objeto de estudo, discutindo suas peculiaridades, contradições e dinâmicas que a tornaram o que ela é hoje. Acreditamos que refletir sobre a cidade e compreendê-la é uma das condições indispensáveis para a construção de uma verdadeira cidadania, que entendemos estar relacionada com a vida em sociedade e a compreensão do espaço público como um produto social, uma responsabilidade e também um direito de todos nós.

O projeto foi desenvolvido em duas turmas de sétimo ano de uma escola municipal de Campinas/SP e teve como objetivos principais: refletir sobre a cidade e possibilitar o desenvolvimento da sua compreensão em diferentes temporalidades e espacialidades por meio da observação, discussão e elaboração de textos e representações; promover o conhecimento contextualizado; fomentar no aluno a busca por informações, elaboração de respostas, levantamento de hipóteses, desenvolvimento da autonomia e posicionamento diante de situações e fatos; valorizar e incentivar a autoria do aluno; e conscientizar os alunos da transitoriedade do espaço geográfico, que é constantemente construído, percebendo suas permanências e mudanças.

2 PERCURSO DIDÁTICO-METODOLÓGICO

Cavalcanti (2014) argumenta a favor de um ensino não linear, em que o professor seja um mediador no processo de aprendizagem do educando, considerando seus conhecimentos prévios e suas práticas espaciais no cotidiano da cidade. Segundo a autora, essa mediação pode ocorrer em três etapas principais que acabamos por seguir em nosso projeto: problematizar, sistematizar e sintetizar.

Na primeira etapa, buscamos valorizar os conhecimentos que os alunos já tinham sobre a cidade, sua formação, suas características, problemas etc., com o objetivo de colocar em questão seus saberes para então reafirmá-los, negá-los ou complementá-los. Nesse momento, tentamos também articular os conhecimentos das diferentes disciplinas, mostrando

que, para a compreensão e interpretação de diversas espacialidades e temporalidades, diferentes olhares são necessários.

Neste momento, percebemos que os alunos conheciam muito pouco sobre a história de Campinas e sobre as características e problemas de bairros distantes de onde moravam. Muitas vezes, ao questionar sobre alguns pontos da cidade, víamos expressões de desconhecimento em seus rostos. A partir disso, entendemos que esse resgate histórico era fundamental, até mesmo para que pudessem compreender como isso também afeta e se relaciona com o bairro onde moram.

Conforme já dito, o recorte de temas foi feito a partir da sequência de conteúdos trabalhados na disciplina de Geografia. Por exemplo, após discutirmos como ocorreu a formação territorial brasileira, iniciamos a discussão de como se deu a formação do povoado em Campinas. Neste momento, estabelecemos relações com o que ocorria no estado de São Paulo ou no país, mostrando que o nacional e estadual também interferem no local e que essas diferentes escalas se inter-relacionam. Assim, apesar das sugestões dos alunos ao longo do trabalho, houve um eixo pautado nos conteúdos que direcionou o recorte temático.

A partir desse levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, lançamos mão dos seguintes recursos e procedimentos para o desenvolvimento do projeto: leitura e interpretação de textos relacionados ao tema, levantamento da flora e fauna original, leitura e interpretação de mapas, atividades em grupo, produção de mapas, textos dissertativos, infográficos, gráficos e tabelas, entrevistas com familiares e estudo do meio.

A leitura e interpretação de textos relacionados ao tema foram importantes para ampliar o conhecimento dos alunos e também para fornecer subsídios para a escrita. Parte desse material veio de pesquisas realizadas na internet, algumas delas feitas na sala de informática da própria escola e outras como pesquisa para casa, sempre direcionadas com tópicos que guiavam a navegação pelos sites e incentivando a busca em fontes confiáveis. Outra parte foi trazida por nós a partir da seleção prévia de materiais.

Isso foi necessário pela linguagem dos textos, em grande parte com escrita acadêmica, que gerava certa dificuldade na maioria dos alunos e também porque a sala de informática ficou sem internet por parte do ano. Um material bastante utilizado foi o livro *Conhecer Campinas numa perspectiva histórica* (PESSOA, 2004), que estava disponível em quantidade suficiente na biblioteca para uso em sala de aula e as temáticas vinham ao encontro do que desejávamos. A leitura e interpretação de textos foi desenvolvida em todas as disciplinas, não ficando restrita apenas à Língua Portuguesa. Isso foi interessante pois pudemos trabalhar diferentes estratégias com os alunos a partir do conhecimento que cada professora trazia.

O levantamento da flora e fauna original foi uma atividade desenvolvida especificamente nas aulas de Ciências e envolveu as características vegetais da flora original da cidade de Campinas, bem como da sua fauna. Os alunos fizeram a caracterização das espécies vegetais e compararam com as que ainda existem. Eles também procuraram onde moram a caracterização desses seres vivos originais que ainda podem ser encontrados e fotografados.

A leitura, interpretação e produção de mapas foram privilegiadas nas aulas de Geografia, sobretudo para a localização de alguns fenômenos e comparação das transformações ocorridas na malha urbana ao longo do tempo, inclusive dos eixos de expansão a partir da construção das ferrovias. Por meio delas, os alunos compreenderam algumas diferenciações no espaço urbano como infraestrutura, opções e tipos de comércio e serviços e a segregação socioespacial. O software Google Earth Pro foi utilizado para a criação de mapas e representações de fenômenos urbanos como a conurbação, por exemplo. Isso é importante porque

ao ler o espaço, desencadeia-se o processo de conhecimento da realidade que é vivida cotidianamente. Constrói-se o conceito, que é uma abstração da realidade, formado a partir da realidade em si, a partir da compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo (ao construir a nossa história e o nosso espaço). Nesse caminho, ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta entre o real e o aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido (CALLAI, 2005, p. 241).

E mais,

a capacidade de o aluno fazer a representação de um determinado espaço significa muito mais do que estar aprendendo geografia: pode ser um exercício que permitirá a construção do seu conhecimento para além da realidade que está sendo representada e estimula o desenvolvimento da criatividade, o que, de resto, lhe é significativo para a própria vida e não apenas para aprender, simplesmente (CALLAI, 2005, p. 244).

A produção de gráficos e tabelas, sobretudo referente à evolução e composição da população de Campinas em diferentes períodos, foi realizada nas aulas de Matemática e Geografia, com discussões sobre as alterações nas pirâmides etárias ao longo do tempo e análise do comportamento das diferentes taxas como natalidade, mortalidade e expectativa de vida, além do papel da migração e dos principais fluxos migratórios que vieram para a cidade.

Outra estratégia utilizada foi o trabalho em grupo, com o objetivo de fortalecer as trocas e a construção colaborativa de conhecimento. Os alunos foram divididos em seis

grupos definidos por nós, valorizando a heterogeneidade de grupos de saberes. A proposta foi que eles ampliassem o leque de possibilidades de trabalho, visto que os grupos formados até então eram sempre os mesmos. Segundo Lotan (2017), as atividades em grupo fornecem a oportunidade para os alunos utilizarem múltiplas habilidades intelectuais e exigem interdependência positiva e responsabilidade individual.

Nesse sentido, cada integrante do grupo possuía um papel determinado como, por exemplo, anotar a ordem de fala, controlar o tempo, fazer a redação do texto/gráfico/tabela final etc., que se alterava a cada nova atividade, fazendo com que cada um experienciasse as várias funções. Percebemos que essa estratégia aumentou a responsabilidade dos alunos e fez com que o trabalho em sala fluísse melhor e dentro do tempo determinado para isso.

Os alunos também entrevistaram seus familiares sobre processos migratórios. Esse trabalho foi realizado nas disciplinas Geografia e Língua Portuguesa. A primeira abordou as questões relacionadas à migração e a segunda o gênero entrevista. Além disso, foi realizado um estudo do meio para o Museu da Imigração do Estado de São Paulo, na cidade de São Paulo, com o objetivo de aprofundar as discussões realizadas em sala sobre essa temática, bem como observar *in loco* alguns objetos da Hospedaria dos Imigrantes e conhecer um pouco da rotina daquele local no final do século XIX/início do século XX. No retorno, os alunos fizeram um relatório da visita com suas impressões. Muitos relacionaram a visita com as trajetórias familiares e isso foi muito interessante e rico.

Essas estratégias descritas até aqui representam a segunda etapa sugerida por Cavalcanti (2014): sistematizar. Nesta etapa foi possível discutir conteúdos e conceitos mais específicos relacionados aos temas, como a formação do povoado, o processo de conurbação, segregação socioespacial, formação da metrópole, transmissão da febre amarela, migração, entre outros.

Por fim, a produção de mapas, textos dissertativos, gráficos e tabelas foi um importante momento de *síntese*, terceira etapa mediadora proposta pela autora, que resultou na escrita do texto final. Nesse momento, foram trabalhados alguns gêneros textuais, como o cordel, o infográfico e, sobretudo, o resumo. Este foi o principal gênero utilizado na escrita do livro e, ao mesmo tempo, o que gerou mais dificuldade entre os alunos. Diferentes estratégias foram utilizadas por cada uma das professoras a fim de facilitar o processo e foi curioso ver a reação dos alunos diante de um trabalho mais sistematizado com a produção escrita em outras disciplinas além da Língua Portuguesa.

Esse momento de síntese é fundamental, pois é onde o aluno registra o que de fato aprendeu e onde articula os conhecimentos cotidianos com os científicos vistos em sala de

aula. Depois de todos os materiais produzidos, eles foram digitalizados e organizados a partir das contribuições e sugestões dos alunos. Infelizmente não foi possível que eles inserissem e organizassem todas as produções no software utilizado por questões de infraestrutura e de tempo para o desenvolvimento da proposta e isso foi feito, portanto, por nós, professoras. Contudo, apresentamos aos alunos versões parciais do material e os ajustes foram sendo feitos em conjunto com o auxílio da projeção do arquivo em sala de aula.

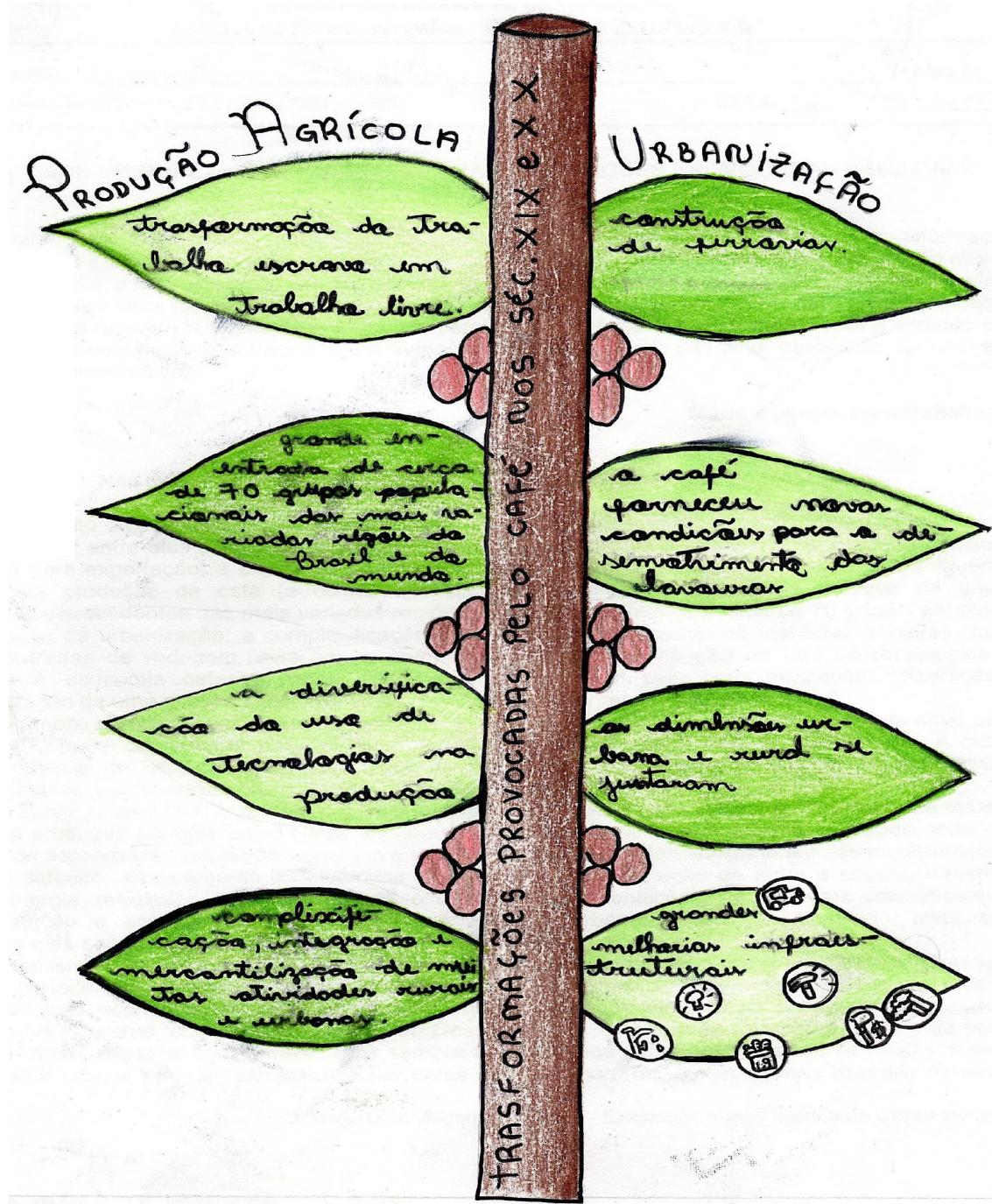


Figura 1: Produção textual dos alunos: Infográfico. Fonte: Acervo pessoal.

Campinas

Campinas era um pause,
usado para repouso.

De tropeiros a bandeirantes
até viajantes e retirantes.

De tornando uma região
lutando contra a escravidão

Abriram caminhos
e um deles era Campinhos.

Havia Três Terrenos
que eram pequenos
Também eram desamparados,
extensos e desabilitados

O açúcar dinheiro não dava
já o café lucrava.

Então foi substituído
o açúcar pelo café moído.

E até hoje é tomado
pás foi valorizado.

Figura 2: Produção textual dos alunos: Cordel. Fonte: Acervo pessoal.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cavalcanti (1998) discute em seu livro que parte dos alunos não sabe dizer a utilidade do que se estuda em Geografia (e acreditamos que em outras disciplinas também) para o seu dia-a-dia. Embora tenha se passado mais de duas décadas dessa pesquisa, esse sentimento ainda parece verdadeiro, pois não é raro ouvirmos falas como “e para que serve isso?”, “onde vou usar isso?” ou então “preciso mesmo saber isso?”. Callai (2000) também nos convida a refletir a esse respeito ao pontuar que “muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de

acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e está acontecendo no lugar em que vivemos” (p. 85).

Por isso surge essa proposta, na tentativa de estimular os alunos a olharem para o entorno, estabelecerem relações e, com isso, aproximar um conteúdo teórico, presente no livro didático, com a sua realidade, com o seu cotidiano. Assim, entendemos que:

ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação. Pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é ensinar a escrever porque a reflexão sobre a produção do conhecimento se expressa por escrito. (GUEDES; SOUZA, 1998, p. 13).

O resultado pôde ser percebido em duas frentes: primeiro, com a escrita do livro propriamente dito, cujo exemplo de duas páginas temáticas pode ser observado nas páginas seguintes.

Segundo, com os resultados formativos, subsidiando práticas escolares interdisciplinares, valorizando a produção de conhecimento por parte dos alunos e a autoria deles em materiais escolares e na aprendizagem. Foram inúmeros os benefícios que as atividades realizadas em grupo trouxeram para a aprendizagem dos alunos, entretanto, destacamos aqui o senso de responsabilidade com o desenvolvimento da função ao qual foi designado e o gerenciamento do tempo que tinham para isso. O início foi de adaptação à nova proposta, mas em pouco tempo eles já tinham compreendido a lógica de trabalho e os resultados passaram a ser visíveis.

Outro aspecto positivo foi observar o amadurecimento da capacidade argumentativa de cada um dentro do grupo, expondo raciocínios, testando hipóteses, se relacionando de maneira respeitosa, aprendendo a administrar o tempo e percebendo que essa relação horizontal entre os pares promove novas e significativas aprendizagens. Havia aluno que auxiliava o outro com a escrita; outro com técnicas de desenho e assim por diante.

O trabalho com os diferentes gêneros textuais também foi desafiador, pois, além da explicação das características específicas de cada um, era necessário revisar os conteúdos para a sua produção. Alguns, como o infográfico e o cordel, são menos produzidos pelos alunos e, nesse sentido, os desafios foram maiores, exigindo de nós, a cada momento, avaliar as estratégias utilizadas e revê-las quando necessário. Com o projeto, alunos e professoras foram retirados de suas zonas de conforto.

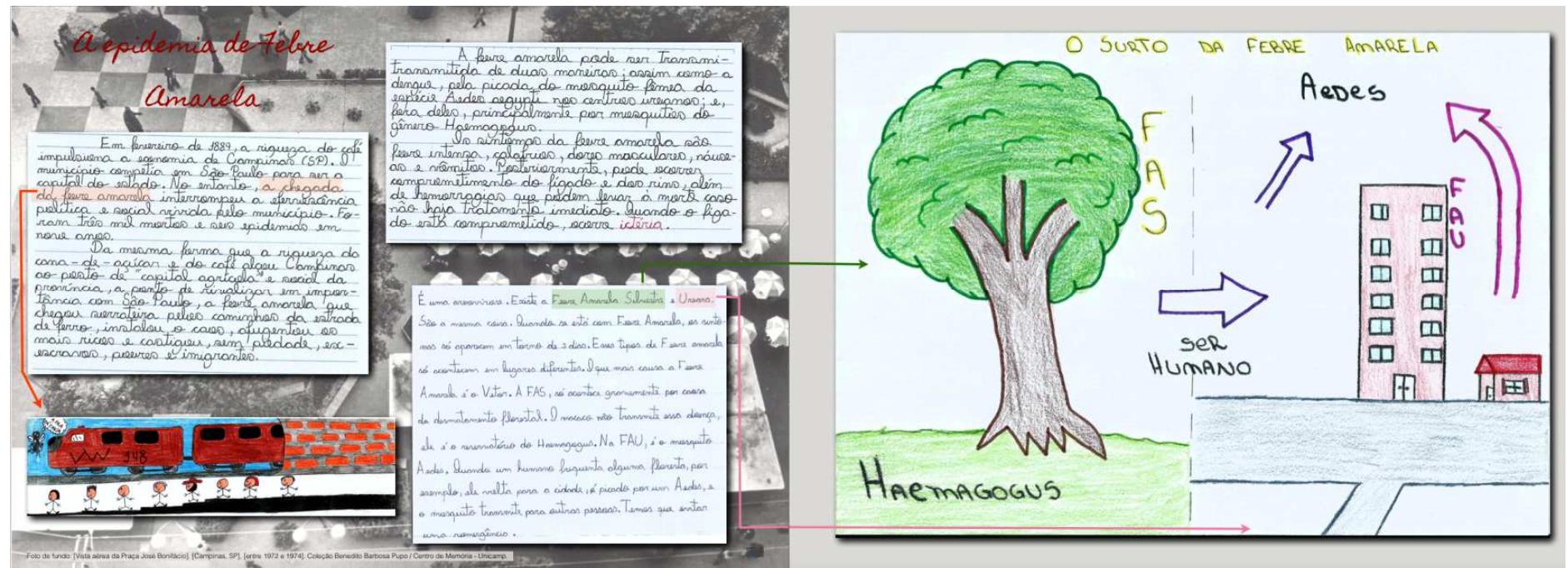


Figura 3: Página temática do Capítulo *A epidemia de febre amarela*. Fonte: Livro produzido pelos alunos.

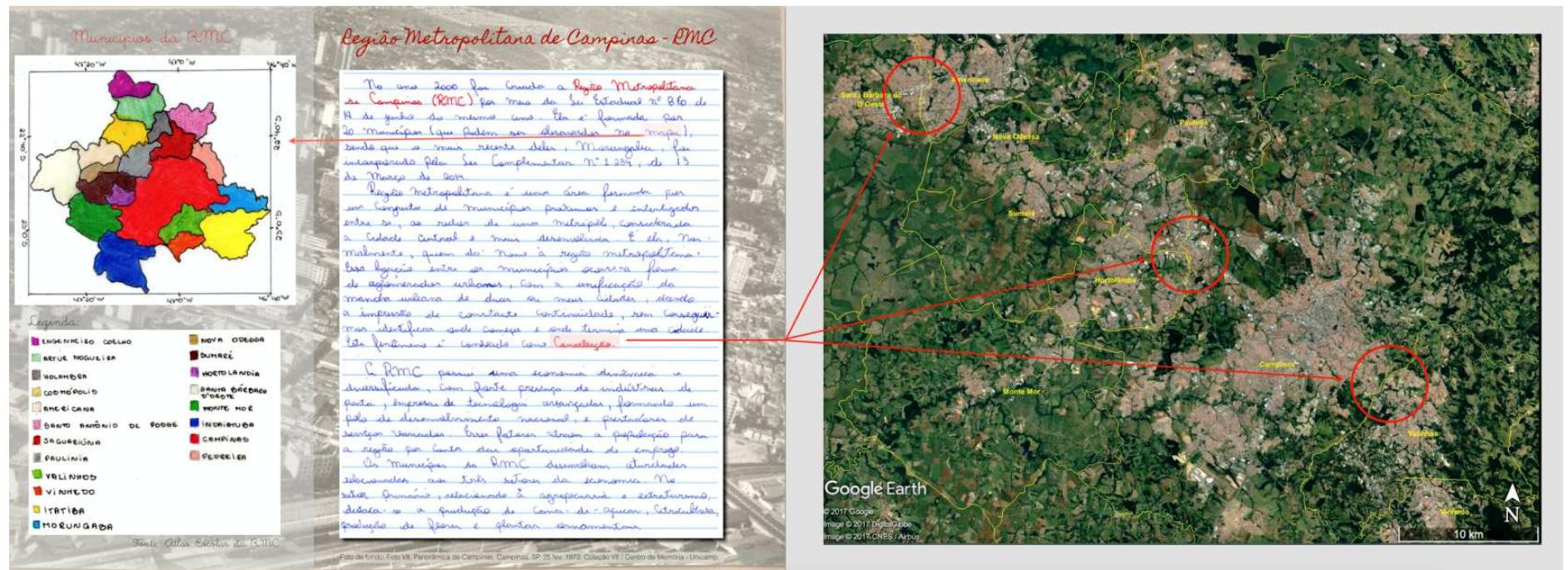


Figura 4: Página temática do Capítulo *Região Metropolitana de Campinas - RMC*. Fonte: Livro produzido pelos alunos.

A seguir, deixamos alguns dos depoimentos dos alunos que também refletem um pouco dos resultados descritos acima.

Com a pesquisa eu aprendi sobre a cidade onde moro, Campinas. Coisas como a sua formação, a industrialização, os principais migrantes que vinham para cá, as suas principais atividades econômicas em determinados séculos, o tipo de população predominante entre outras informações. Aprendi também sobre o café, a febre amarela. Como fazer um infográfico e resumos. (Camilly, 7º ano B)

Com o projeto desenvolvido neste ano sobre a formação da cidade de Campinas, eu aprendi muitas coisas. Aprendi como minha cidade foi formada, como ela era antes e outras coisas como: o porquê a cidade tem esse nome; aprendi a fazer infográficos, resumos, cordéis, como as indústrias atraíram vários migrantes e outras diversas coisas. Enfim, este trabalho ensinou várias coisas sobre Campinas e eu adorei. (Júlia, 7º ano A).

Essa foi, para mim e acho que para todos os alunos que contribuíram para a formação do livro, uma das melhores experiências com professores e alunos do 7º ano. Agradeço a todas as professoras. (Geraldo, 7º ano B)

Bom, a pesquisa me ajudou bastante, pois aprendi mais do que eu já sabia, pois com os gráficos aprendi coisas novas. Aprendi também sobre os imigrantes, a rodovia, o café, a urbanização, os escravos etc. Gostei muito porque já é o nosso trabalho, mas não é o primeiro, já é o segundo. Aprendemos muitas coisas que nós não sabíamos e por fazer esse trabalho nós podemos ensinar um pouco da nossa escola e no aprendizado, pois é muito legal porque você aprende, mas ensina também. (Sabrina, 7º ano B)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a prática escolar deve ser permeada de desafios, deve considerar não só o saber, mas também o fazer, e isso nos remete a uma aprendizagem que constrói conhecimentos significativos porque envolve a percepção, a leitura e a escrita da realidade vivida pelo educando. Nessa perspectiva, a questão do fazer, isto é, da prática e do ensino baseado na pesquisa, tem grande importância, pois o aluno atua não como mero reproduutor do saber elaborado por outros, mas como alguém que atua com base em uma proposta investigativa da realidade, pautada em conhecimentos práticos advindos de sua experiência e que permite aprofundar suas leituras e elaborar escritas em relação ao espaço estudado. O processo de descoberta sugere que o aluno é colocado diante do conteúdo inacabado, tornando-o sujeito da apropriação desse conteúdo, o que possibilita a internalização pela (re)construção e não por repetição.

Para a construção de conhecimentos significativos não podemos trabalhar com saberes fragmentados e descontextualizados. Desse modo, é preciso favorecer a integração entre as

diferentes disciplinas, possibilitando aos alunos estabelecer relações entre as diversas áreas do conhecimento e compreender a realidade como um todo, promovendo um olhar sob diferentes ângulos e ao mesmo tempo complementares para o fenômeno estudado. O espaço geográfico estudado foi visto como uma materialização de modos de vidas que se encontraram e se entrelaçaram formando identidades, que também os constituem e são constituídas por eles.

Conforme salienta Cavalcanti (2005), normalmente apresentamos uma série de conceitos aos alunos como migração, cidade, epidemia, urbanização, vacina entre outros acompanhados de inúmeras informações mais gerais, fornecidas pelo livro didático, mas o aluno não consegue utilizá-las para reconhecer e analisar acontecimentos da sua própria cidade ou do seu bairro. Com esse projeto, foi possível resgatar essa história e, ao mesmo tempo, conectá-los ao espaço geográfico que habitam.

Por isso, é necessário pensarmos cada vez mais em práticas pedagógicas que considerem o conhecimento cotidiano dos alunos e propiciem um olhar crítico e investigativo do espaço geográfico, de maneira que consigam se reconhecer como parte integrante e, principalmente, produtora desse espaço.

FROM LANDING TO METROPOLITAN REGION: POTENTIALITIES OF THE INTERDISCIPLINARY TEACHING PRACTICE IN THE STUDY OF THE CITY

ABSTRACT

Reflection and understanding of the city are fundamental conditions for the construction of citizenship and the construction of meaningful knowledge with students requires from pedagogical practice the overcoming of working with fragmented and decontextualized knowledge, promoting the autonomy of students as subjects of knowledge. These are assumptions of an interdisciplinary project involving the disciplines of Science, Geography, History, Portuguese Language and Mathematics in the study of the city and developed by teachers and students from the 7th year of elementary school in a municipal school in Campinas-SP. The teaching project methodology was based on problematization, systematization and synthesis stages, with diversified didactic activities and strategies, involving research and organization of a book with the students' productions. Based on these productions and the students' reports, the results point to the importance of research in practice with students so that they are formed as subjects of the appropriation and production of knowledge, acting based on an investigative proposal of reality.

Keywords: Interdisciplinarity. Teaching project. Pedagogical practice.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- _____. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1998. 192p.
- _____. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 187-207, maio/ago. 2005.
- _____. A metrópole no ensino de Geografia: o que/para que/para quem ensinar? In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; SOUZA, Vanilton Camilo. **Ensino de Geografia e metrópole**. 1 ed. Goiânia, GO, América, 2014.
- GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1998.
- LOTAN, Rachel A. Elaborando atividades de aprendizagem adequadas ao trabalho em grupo. In: COHEN, Elizabeth G.; LOTAN, Rachel A. **Planejando o trabalho em grupo: estratégias para salas de aula heterogêneas**. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2017. p. 79-89.
- MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 314p.
- PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (org.). **Conhecer Campinas numa perspectiva histórica**. Campinas: Secretaria Municipal de Educação, 2004.

Recebido em 06/02/2021.
Aceito em 28/06/2021.